MÚSICA E DOUTRINA NO *SÍMBOLO CATÓLICO INDIANO* (LIMA, 1598), DE LUÍS JERÔNIMO DE ORÉ (1554-1630)

Víctor RONDÓN[1]
Tradução e adaptação: Paulo CASTAGNA[2]

RONDÓN, Víctor. Música e doutrina no *Símbolo Católico Indiano* (Lima, 1598), de Luís Jerônimo de Oré (1554-1630); tradução e adaptação de Paulo Castagna. *ARTEunesp*, São Paulo, v.13, p.133-160, 1997.

- *RESUMO: Este artigo tem como objetivo estudar e resenhar o* Símbolo católico indiano*, do Frei Luís Jerônimo de Oré, impresso em Lima (Peru) em 1598, apenas no que se refere aos métodos de doutrina (catequese) e às práticas e instituições musicais descritas, para se conhecer as relações entre tal obra e as atividades musicais jesuíticas na região sul-andina e chilena. Dividimos o trabalho em duas partes: na primeira, revisamos o aspecto contextual do livro, com especial atenção ao momento histórico da Igreja Católica na região, durante a segunda metade do século XVI; na segunda, ocupamo-nos da descrição e interpretação de assuntos que dizem respeito a práticas musicais doutrinais, apesar de incluirmos, também, alguns aspectos referentes ao ambiente geográfico e humano, além de análises dos objetivos do livro e do próprio trabalho de Oré.*

- *PALAVRAS-CHAVE: Música missionária; doutrina cristã; atividade jesuítica e franciscana; América do Sul; período colonial; séculos XVI e XVII*

Introdução

Em recentes investigações sobre as atividades musicais dos missionários jesuítas no Chile, durante os séculos XVII e XVIII, constatamos a presença, nessa região, do religioso franciscano de origem peruana, Luís Jerônimo de Oré, como Bispo de Concepción,[3] entre 1622 e 1629. Nesta função, Oré percorreu, em 1625 e em companhia dos missionários jesuítas que tinham a seu cargo as missões do arquipélago do sul,[4] os territórios mais austrais da diocese a seu cargo: as ilhas de Chiloé.[5]

Com a finalidade de conhecer as relações entre a obra de Oré e as atividades musicais missionárias jesuíticas na região chilena, propusemo-nos estudar e resenhar sua publicação intitulada *Símbolo católico indiano*,[6] no que se refere aos métodos de

---

[1] Musicólogo e flautista, integrante do conjunto instrumental *Syntagma Musicum* de Santiago do Chile e Professor da Universidade Metropolitana de Ciências da Educação e da Faculdade de Artes da Universidade do Chile.
[2] Professor do Instituto de Artes da UNESP, 04266-030, São Paulo - SP.
[3] Concepción está situada no litoral chileno, cerca de 500 km ao sul de Santiago (N. do T.).
[4] A região sul do Chile está constituída por um arquipélago que se estende até o extremo sul do continente americano (N. do T.).
[5] Cerca de 500 km ao sul de Concepción está Chiloé, a primeira grande ilha do arquipélago (N. do T.).
[6] Luis Gerónimo de Oré. *Symbolo Catholico Indiano* [...]. Lima, Antonio Ricardo, a custa de Pedro Fernandez de Valenzuela, 1598. 183f., ilust.

doutrina (catequese) e às práticas e instituições musicais que descreve. Durante a transcrição da obra, que localizamos no Fundo José Toríbio Medina, da Biblioteca Nacional de Santiago do Chile,[7] pudemos apreciar a importância e o valor histórico do texto e de seu autor, parecendo-nos as informações obtidas de tal relevância, que consideramos oportuno resenhar seus principais assuntos e referências musicais, oferecendo-os assim, à comunidade musicológica internacional interessada na música missionária.

Dividimos nosso artigo em duas partes principais. Na primeira, revisamos o aspecto contextual da *opera prima* de Oré, com especial atenção ao momento histórico da Igreja Católica na América em geral e, em particular, na região sul, durante a segunda metade do século XVI, no momento de constituição das províncias eclesiásticas independentes. Na época, dois marcos consecutivos determinaram o trabalho evangélico em meio aos naturais dessas regiões: a sanção e aplicação do *Concílio de Trento* (1545-1563) e os correspondentes *Concílios de Lima*, ou *Limenses* (1552, 1567 e 1583). Essa seção se complementa com notícias sobre a obra que abordamos e com dados biográficos relativos a seu autor.

Na segunda parte, ocupamo-nos da descrição e interpretação de assuntos que dizem respeito a práticas musicais doutrinais, incluindo também alguns aspectos referentes ao ambiente geográfico e humano, além de análises de objetivos da obra e do próprio trabalho de Oré. Não abordaremos, aqui, assuntos de conteúdo teológico ou filológico, para não exceder os limites de nossa pesquisa. Acreditamos, no entanto, que uma edição crítica do *Símbolo católico indiano* poderá ser contribuição valiosíssima a todas essas disciplinas, além da musicológica, em torno dos processos de aculturação que sofreram os naturais do Novo Mundo durante o primeiro século de colonização, sobretudo no âmbito da vida espiritual.

1. Contexto, obra e autor

[7] O exemplar, temporariamente fora de catálogo, hoje faz parte do Museu Bibliográfico do Fundo José Toribio Medina, na Biblioteca Nacional de Santiago do Chile, código B2, T2 (6) / C 4171. Agradecemos à responsável pela Sala Medina, Sra. Fanisa Dulcic, pela colaboração em sua localização. Uma edição facsimilar dessa obra foi realizada por Antonine Tibesar O.F.B. em Lima, pela Ed. Australis, 1992.

Na religiosidade popular hispano-americana, expressa sob a forma de tradição oral, é possível reconhecer elementos análogos em territórios tão distantes quanto o México e o Peru. Procissões, devoções, formas literárias e musicais, uso de espaços cerimoniais etc., todos se referem a uma mesma matriz hispânica, manifesta em sua forma mais evidente, através de idioma e religião comuns. As investigações de orientação tanto histórica quanto antropológica, empregadas nos trabalhos musicológicos e etnomusicológicos, encarregaram-se de descrever e interpretar tais manifestações, apontando-as como elementos generativos no processo de cristianização dos naturais americanos, por missionários católicos europeus, desde o início do século XVI.

Na região sul-americana, música e doutrina constitui um binômio já abordado por estudiosos de diversas especialidades, principalmente durante os períodos da conquista e colonização. Em tal processo, tomaram parte todas as ordens religiosas que chegaram e se instalaram nesses territórios,[8] alcançando notável desenvolvimento as missões jesuíticas da chamada *Província do Paraguai*.[9]

Até 1546, os bispados das possessões espanholas das Índias Ocidentais eram todos sufragâneos do bispado de Sevilha. A partir dessa data, no entanto, e de forma bem mais rápida que a observada na América Portuguesa, a igreja hispano-americana tornou-se independente, organizando-se em três províncias eclesiásticas: os arcebispados de São Domingos, México e Lima (na época Los Reyes).[10] Todos os territórios espanhóis sul-americanos passaram então a depender deste último[11] e, conseqüentemente,

---

[8] Já durante o século XVI, instalaram-se na América Espanhola os franciscanos, mercedários, agostinianos, recoletos, jesuítas e capuchinhos. [Na América Portuguesa, os religiosos que chegaram nesse século foram, principalmente, franciscanos, jesuítas, carmelitas e beneditinos. (N. do T.)]

[9] Cf. ultimamente, por exemplo, os seguintes trabalhos: 1) Luis Szarán & Jesús Ruiz Nestosa (*Musica en las reducciones jesuiticas*: colección de instrumentos de Chiquitos, Bolivia. Asunción, Fundación Paracuaria - Missionsprokur S.J. Nürnberg, 1996); 2) Gerardo Huseby**,** Irma Ruiz & Leonardo Waisman (*Un Panorama de la Música en Chiquitos*. In: *Las Misiones Jesuíticas de Chiquitos*. La Paz, Pedro Querajazu Ed. y Comp., Fundación BHN, La Papelera S.A., 1995). Esses mesmos investigadores levam a cabo, atualmente, o projeto de pesquisa *Historia y Antropología de la Música en Chiquitos* do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) da Argentina, com sede no Instituto Nacional de Musicología “Carlos Vega” de Buenos Aires, do qual participa também Bernardo Illari. Cf., também, os trabalhos de Piotr Nawrot, Francisco Curt Lange e Samuel Claro. Ver bibliografia.

[10] Já na América Portuguesa, o primeiro bispado ou diocese foi o de Salvador (Bahia), criado em 1551, do qual se desmembraram as prelazias do Rio de Janeiro em 1577 e de Pernambuco em 1614. Somente em 1676, Salvador passou a ser a sede do arcebispado ou arquidiocese, por decisão do Pontífice Inocêncio XI, à instância do rei Pedro II de Portugal, convertendo-se em bispados as antigas prelazias do Rio de Janeiro e Pernambuco (N. do T.).

[11] Ao arcebispado de Lima pertenceram, em uma primeira instância, as igrejas de Cuzco, Quito, Castilla del Oro (Panamá), León (Nicaragua) e Popayán (Colômbia). Posteriormente, erigiu-se o bispado de Río de la Plata, em Asunción do Paraguai em 1547, o de Charcas em 1552, o de Santiago em 1561 e o de La Imperial em 1563, ambos no Chile. Em 1564, com a criação da nova província eclesiástica de Santa Fé,

as decisões e vicissitudes do arcebispado de Lima influíram diretamente em todo o processo de evangelização dos povos indígenas dessa área. A maneira como a igreja local encarou essa tarefa repercutiu nos *Concílios Limenses* de 1552, 1567 e, especialmente, de 1583,[12] sendo que os dois últimos refletiram os ditames que, para tais questões, enunciara o *Concílio de Trento*, cujos decretos se publicaram em Lima, em outubro de 1565.[13]

1.1. O III Concílio Limense e o *Símbolo Católico Indiano*

O *III Concílio de Lima* ou *Limense* inaugurou-se em 15 de agosto de 1582, estendendo-se até outubro do ano seguinte. Luís Jerônimo de Oré, no *Símbolo católico indiano*, dá indícios de ter presenciado tal evento eclesiástico, quando se refere ao "*concílio que vimos celebrar no ano de mil e quinhentos e oitenta e três*",[14] apesar de seu nome não ter aparecido na lista dos assistentes. Quem realmente atendeu à convocação foram os bispos Fr. Pedro de la Peña (de Quito), Fr. Antonio de San Miguel (de La Imperial), D. Sebastián de Lartaún (de Cuzco), Fr. Diego de Medellín (de Santiago), Fr. Francisco de Victoria (de Tucumán), D. Alonso Granero de Avalos (de La Plata, hoje Sucre) e Fr. Alonso Guerra (do Río de la Plata, hoje Asunción do Paraguai). Também assistiram às reuniões numerosos representantes do rei, procuradores das igrejas, cabidos e clero de diversas ordens, letrados juristas, oficiais do concílio e teólogos consultores. Entre os últimos, destacou-se o jesuíta de origem espanhola Joseph de Acosta,[15] a quem se encomendou a recopilação e tramitação das conclusões deste *III Concílio Limense*.

---

nos territórios de Nova Granada (Colômbia), Popayán passou a depender desta, separando-se então de Lima.

[12] Cf. as obras de F. Mateo, Rubén Vargas Ugarte e Primitivo Tineo, citadas na bibliografia.

[13] Na Espanha, o Rei Felipe II sancionara como leis os éditos tridentinos em 1564, mandando celebrar concílios provinciais, tanto na península como nas possessões de ultramar, questão que se levou a cabo no ano seguinte. [Em Portugal, as decisões tridentinas foram publicadas na língua do país também em 1564, mas não foram ordenados concílios provinciais na América Portuguesa nessa época, em função dos resultados ainda pequenos da colonização dessa região. A único código com determinações eclesiásticas gerais para toda a América Portuguesa foi promulgado somente em 12/06/1707, pelo Arcebispo da Bahia, D. Sebastião Monteiro da Vide. Cf. *Constituiçoens Primeyras do Arcebispado da Bahia feytas, & ordenadas pelo Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastiaõ Monteyro da Vide, Arcebispo do dito Arcebispado, & do Conselho de Sua Magestade, Propostas, e aceytas em o Synodo Diocesano, que o dito Senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707*. Coimbra: Real Collegio das Artes da Comp. de Jesus, 1720. 10 f. inum., 618, 32, 187 p. (N. do T.)]

[14] No original: "*en el Concilio que vimos celebrar el año de mil y quinientos y ochenta y tres*" (N. do T.).

As numerosas diligências para sua aprovação total, tanto no Conselho das Índias, na Espanha, como na Santa Sé de Roma, durou vários anos. O decreto de aprovação vaticana data de outubro de 1588 e sua impressão autorizada realizou-se em Madri, somente em 1590. Já o édito real para sua execução, emitido pelo monarca espanhol Felipe II ao vice-rei, audiências, governadores, corregedores, arcebispos e bispos da província eclesiástica do Peru, está datado de setembro do ano seguinte.

O *III Concílio Limense*, convocado pelo Santo Bispo Toribio de Mogrovejo, sob o pontificado de Gregório XIII e aprovado sob o de Sisto V, foi considerado um evento eclesiástico de tal importância para o continente que, durante três séculos, as dioceses hispânicas sul-americanas continuaram a seguir suas normas.[16]

Oré nos informa que, em relação à doutrina e ao uso da música como instrumento de catequese, neste concílio "*se determinaram decretos e leis santíssimas de reformação muito proveitosas para os índios e para os sacerdotes, seus curas; providenciou-se a tradução da doutrina cristã e do catecismo e confessionário nas duas línguas gerais, quíchua e aimara*".[17] Essas indicações foram incluídas, posteriormente, nos documentos sinodais emitidos por cada um dos sete bispos assistentes ao citado concílio, para os curas e sacerdotes seculares das diferentes províncias do Peru.[18]

Foi esse o contexto no qual surgiu, em 1598, o *Símbolo católico indiano*, do Frei Luís Jerônimo de Oré, constituindo, seguramente, a primeira tentativa prática de sistematização das decisões do *III Concílio* de 1583, além de ter servido de paradigma aos impressos posteriores destinados à mesma finalidade, que apareceram nos séculos XVII e XVIII.

1.2. A obra

---

[15] O padre Joseph de Acosta (1539-1600), pouco mais tarde, daria à luz sua célebre *Historia natural y moral de las Indias*, publicada em Sevilha, em 1590. Uma edição moderna foi realizada no México, pelo Fondo de Cultura Económica, 1940.

[16] Assim foi reconhecido no *Concilio Plenario Latinoamericano*, celebrado em Roma, sob o pontificado de Leão XIII, em 1899. Cf. Primitivo Tineo. *Los Concilios Limenses en la Evangelización Latinoamericana*. Pamplona, Ediciones Universidad de Navarra, 1990. p. 11.

[17] No original: "*se determinaron decretos y leyes santísimas de reformación y muy provechosos para los indios, y para los sacerdotes sus curas: hízose traducción de la doctrina cristiana, y del catecismo y Confesionario en las dos lenguas generales, Quichua y Aymara*" (N. do T.).

[18] Os bispados sufragâneos ao de Los Reyes (Lima) eram os de Cuzco, Quito, Charcas, Chuquiabo, Santa Cruz de la Sierra, Tucumán e Río de la Plata. Esse imenso território, calculado na época em mil e oitocentas léguas, compreendia inclusive partes do atual Brasil, irradiando-se naturalmente também aos bispados chilenos de Santiago e de La Imperial, constituindo assim uma grande unidade política e religiosa.

Foi em fins do século XIX que o historiador chileno José Toribio Medina (1897) publicou pela primeira vez notícias e uma descrição exaustiva do *Símbolo católico indiano*.[19] Para atestar sua exaustividade e erudição, lembramos que a Biblioteca Nacional de Santiago do Chile ainda preserva o único exemplar que chegou a ser conhecido por Medina, o mesmo que consultamos para a elaboração deste artigo. O musicólogo norte-americano Robert Stevenson (1970) citou-o parcialmente, ao revisar os métodos e repertórios missionários no Perú,[20] apresentando, inclusive, a melodia de um dos hinos que Oré somente mencionou, sem registrá-lo em notação musical. Recentemente, surgiram dois trabalhos dos historiadores Federico Richter e Julio Retamal relativas ao Bispo Oré, que mencionam a obra que revisamos, trazendo novas e interessantes informações de caráter geral.[21]

O livro, de 20,0 cm de altura, 15,0 cm de largura e 1,8 cm de espessura, possui 183 folhas numeradas, incluindo algumas gravuras. Está em perfeito estado de conservação, mas encontra-se hoje com uma encadernação moderna, o que aumenta em pouco mais de 1,5 cm suas dimensões originais. A página de rosto é a seguinte:

> **SYMBOLO / CATHOLICO INDIA-/NO, ENEL QVAL SE DECLARAN LOS / mysterios dela Fé contenidos enlos tres Symbolos Catho-/licos, Apostolico, Niceno, y de S. Athanasio. / CONTIENE ASSI MESMO UNA DESCRIP-/*cion del nueuo orbe, y delos naturales del. Y un orden de enseñarles la doctrina* / *Christiana enlas dos lenguas Generales, Quichua y Aymara, con / vn Confesionario breue y Catechismo dela communion*. / TODO LO QVAL ESTA APPROBADO POR / los Reuerendissimos señores Arçobispo delos Reyes, y Obifpos / del Cuzco, y de Tucuman. / COMPVESTO POREL PADRE FRAY LUYS / *Hieronymo de Orè, predicador dela orden de sant Francisco, dela / prouincia delos doze Apostoles del Piru*. /** [gravura de N. Senhora con o menino Jesus, rodeada pela oração latina: **SANCTA MARIA SV/CVRRE MISERIS, IVVA PVSILA/NIMIS REFOVE FLEBILES / ORA PRO POPVLO, AVGVS.**] **CON LICENCIA. / Impresso en Lima por Antonio Ricardo. Año 1598. / *Acosta de Pedro Fernandez de Valençuela*.**

> [*Símbolo católico indiano, no qual se declaram os mistérios da fé contidos nos três símbolos católicos: Apostólico, Niceno e de Santo Atanásio. Contém assim mesmo uma descrição do Novo Mundo e de seus naturais. E uma ordem de ensinar-lhes a doutrina cristã nas duas línguas gerais, quíchua e aimara, com*

[19] Seu estudo inclui uma revisão crítica das anteriores menções que desta obra fizeram autores que o precederam, tornando-se evidente que ninguém antes dele a houvera descrito com tal exaustividade. Cf. bibliografia.

[20] Cf. Robert Stevenson. *Music in Aztec & Inca Territory*, p. 278-280 e 286. É provável que Stevenson tivesse consultado esse mesmo exemplar quando visitou Santiago, em meados da década de 60.

[21] Cf. 1) Federico Richter. *El obispo Luis Jerónimo de Oré*. Santiago de Chile, Publicaciones del Archivo Franciscano de Chile, n.16, 1990. 43p.; 2) Julio Retamal. *Episcologio chileno 1561-1815*. Santiago de Chile, Ediciones Universidad Católica de Chile, v.3, 1992. p.393-402.

um confessionário breve e catecismo da comunhão. Tudo aprovado pelos Reverendíssimos Senhores Arcebispo de Los Reyes e Bispo de Cuzco e de Tucumán. Composto pelo Padre Frei Luís Jerônimo de Oré, predicador da ordem de São Francisco, da Província dos Doze Apóstolos do Peru. (Santa Maria, socorrei os pobres, ajudai os fracos, consolai os que choram, rogai pelo povo)[22] *Com licença. Impresso em Lima por Antônio Ricardo. Ano 1598. A custa de Pedro Fernandes de Valenzuela.*]

[INSERIR NESTA POSIÇÃO O FAC-SÍMILE 1 - página de rosto]

Figura 1. Página de rosto do *Symbolo catholico indiano* de Luís Jerônimo de Oré (Lima, 1598). Nesta obra estão arroladas as decisões do *III Concílio Limense*, referentes aos conteúdos e métodos de doutrina (catequese) dos americanos naturais de toda a área sul-andina, prescrevendo-se com exatidão o papel da música nesse contexto.

Pelo título, percebemos tratar-se de obra que se refere a matérias diferentes, as quais podem ser divididas em quatro partes ou seções. A primeira é um estudo de caráter filosófico e teológico, sobre Deus e seus atributos, incluindo também os dogmas católicos. A segunda ocupa-se da descrição física do Novo Mundo e de seus habitantes, enquanto a terceira consiste em uma proposição de matérias e métodos para o ensino da doutrina cristã aos índios. Uma quarta parte, que justifica o título do livro, ocupa-se da explicação dos *símbolos católicos,*[23] oferecendo, entre outras matérias análogas, orações, catecismo e confessionário. Esta última parte está escrita principalmente em quíchua, além de, às vezes, também oferecer tradução para o aimara.

---

[22] A citação latina com ortografia atualizada é "*Sancta Maria, succurre miseris, juva pusilanimes, refove flebiles, ora pro populo*". Trata-se de parte da *Antífona de Magnificat,* atribuída a Ambrósio Autperto (beneditino do séc. VII), cantada em diversas cerimônias em homenagem a Nossa Senhora. Cf. MISSAL quotidiano e vesperal; por Dom Gaspar Lefebvre Beneditino da Abadia de S. André; notação moderna da musica por P. Ch. van de Walle; ilustrações de R. de Cramer. Bruges (Bélgica), Desclée de Brouwer & Cie., 1960. p.1021 (N. do T.).

[23] Os três *símbolos* ou orações) mencionados por Oré na página de rosto de seu livro são: 1) o *Símbolo Apostólico* ou *dos Apóstolos* (originado no séc. III) que, na versão latina, inicia-se com "*Credo in Deum,* [...] *Creatorem cœli et terræ*"; 2) o *Símbolo Niceno* (adotado no Concílio de Nicéia, em 325), cantado no "ordinarium" da missa, cujo início é "*Credo in unum Deum*, [...] *factorem cœli et terræ*" e 3) o *Símbolo Atanasiano* ou *de S. Atanásio* (296-373), Bispo de Nicéia, hino que começa com a frase *Quicumque vult salvus esse*. O adjetivo *indiano* refere-se, naturalmente, à apresentação dessas orações em línguas indígenas. Cf. *Psalterium Breviarii Romani cum Ordinario Divini Officii jussu SS. D. N. PII P.P. X Novo Ordine per Hebdomadam Dispositum et Editum*. Ratisbonæ et Romæ, Editio Amplificata in Quarto, Sumptibus et Typis Friderici Pustet, 1912. xiv, 373p. (N. do T.).

José Toríbio Medina, na obra citada, observa com precisão que o estilo das partes não é sempre homogêneo, devido ao fato de terem sido redigidas em épocas diferentes. Destaca, ainda, a ingenuidade e candor de sua argumentação filosófica, que teria se adequado à compreensão dos naturais, para os quais foi concebida a instrução cristã. Assinala, por fim, que a diversidade de temáticas, agrupadas em uma só obra, pode ser entendida como a tendência lógica do autor frente à sua produção literária inicial, recorrendo a materiais distintos, sem importar-lhe a unidade total. Acrescentamos, ainda, que essa própria diversidade de matérias, já apresentadas no título, induziu diversos bibliógrafos que precederam Medina, a considerá-la não como uma única obra, mas como várias.

1.3. O autor

Luís Jerônimo (Gerônimo, Hyeronimus) de Oré nasceu em Huamanga, Peru, em 1554. Seus pais, os ilustres e opulentos encomendeiros Antonio de Oré e Luisa Díaz y Rojas, tiveram sete filhos - quatro homens e três mulheres - todos dedicados à vida religiosa. Luís Jerônimo foi o terceiro e, como seus irmãos, tomou o hábito franciscano ainda jovem, destacando-se em seus estudos, especialmente nas artes e na teologia. Como os outros, também apresentou muito cedo grande disposição para o aprendizado das línguas indígenas e vocação missionária; todos eles, além disso, possuíam sólida formação musical, na execução de instrumentos de tecla, no *cantochão* (canto gregoriano) e no *canto de órgão* (contraponto). Seu zelo missionário e amor pelos naturais o levaram a pregar a doutrina em províncias do sul peruano, nas línguas locais, alcançando celebridade também entre os colonos espanhóis, chegando até a ser solicitado como cura de uma paróquia de índios em Cuzco, pelo próprio Bispo Don Antonio de la Raya.

Essa vocação e interesse pela atividade doutrinária, provavelmente o levou a presenciar as reuniões do *III Concílio Limense*, nos anos 1582-1583, apesar de seu nome não aparecer entre os dos assistentes oficiais. Sua condição natural e sua erudição o levaram a ocupar cargos cada vez mais importantes na ordem, até alcançar o provincialato, que desempenhou com plena satisfação. Durante o exercício de sua função, entre os habitantes do Vale de Jauja, começou a trabalhar no *Símbolo católico indiano* e, ao encerrar seus trabalhos como provincial, decidiu terminar e publicar o texto, tarefa de que se ocupou em Lima, entre 1595 e 1598. Nos primeiros anos do século seguinte, Oré encontrava-se em Roma, cumprindo tarefas determinadas por sua ordem, especialmente o recrutamento e despacho de um contingente missionário que partiria de Cádiz, na Espanha, para a Flórida, na Nova Espanha. Nessa ocupação de Comissário da Flórida e de Havana, Oré viajou da Itália para a Espanha em 1612, aproveitando a oportunidade para visitar, em Córdoba, o famoso descendente inca Garcilaso de la Vega que, por essa época, se ocupava de trabalhos históricos relativos à área para onde seriam enviados os missionários. Além disso, Oré iniciou a preparação de outra obras. Terminados seus afazeres em Roma, trasladou-se para Madri, onde publicou seus novos trabalhos,[24] começando, então, a tornar-se conhecido em diversos círculos da Europa e do Novo Mundo.

Não foi estranho, portanto, o fato de, em 1620, o monarca Felipe III o ter apresentado ao Vaticano para sua nomeação para o bispado de La Imperial, no Chile, nomeação esta confirmada por bula pontifícia firmada por Paulo V. Oré regressou por um breve período a Lima e navegou, em 1622, para tomar posse em sua igreja, na cidade de Concepción. Em tal função, realizou a visita pastoral ao extremo sul de seu território

---

[24] Entre suas obras literárias, encontram-se também os *Tratados sobre las indulgencias y sermones del año* (Alexandria, Liguria, 1606), o *Ritvale, sev Manvale Pervanvm* (Nápoles, Imprenta de Jacobum Carbinum et Constantinum Vitalem, 1607), a *Relación de los mártires que ha habido en la Florida [Madrid,*

episcopal em 1625, chegando à ilha de Chiloé, como era seu dever, mas seguindo o desejo veemente de dar continuidade às atividades evangelizadoras em regiões onde a palavra divina já era conhecida.[25] Durante um ano e, em companhia de missionários jesuítas, percorreu praticamente todas as ilhas do arquipélago, aparentemente não encontrando entre os naturais chilotes a mesma resposta que observou entre os do Peru, apesar de seu conhecido zelo missionário.

Nunca uma visita episcopal a essa região - e esta foi a segunda - havia tomado tanto tempo. Sem dúvida, a herança de seu trabalho missionário na ilha deve ter sido decisiva na instituição da doutrina por parte dos religiosos jesuítas: um de seus sucessos imediatos foi obter das autoridades reais, a partir de então, a manutenção de quatro padres missionários da Companhia de Jesus em Castro. Oré permaneceria somente alguns anos mais à frente do bispado de La Imperial, falecendo em Concepción, no Chile, em janeiro de 1630.

2. Síntese e interpretação dos assuntos selecionados

Elegemos, para resenha, oito capítulos do livro de Oré, dirigindo nossa atenção às seções descritivas (da geografia física e humana) e prescritivas (do uso da música na culto), excetuando a primeira parte, de caráter teológico e a última, de interesse filológi

---

c.1612], a Relación de la vida del venerable padre Fray Francisco Solano (Madrid, 1614) e a *Corona de la sacratísima Virgen María* (Madrid, Imprenta de cosme Delgado, 1619).

[25] J. T. Medina, op. cit., p.131, menciona como importante fonte para o estudo da atividade de Oré na ilha de Chiloé, o texto inédito do padre [Diego de] Rosales, *Conquista espiritual de Chile*, manuscrito de sua coleção particular e que hoje provavelmente faz parte do fundo homônimo na Biblioteca Nacional de

co, dedicada ao material doutrinal traduzido nas línguas indígenas do Peru. Admitindo a arbitrariedade de tal seleção, acreditamos que esta constitua o *corpus* mais adequado ao interesse musicológico, o que nos permite obter algumas conclusões nessa direção.

Os capítulos selecionados foram os seguintes:

VIII - *Descrição do sítio, terra e populações do Peru* (f. 22);[26]
IX - *Da origem e condições particulares dos índios do Peru* (f. 37);[27]
XII - *Do ornato das igrejas e dos altares* (f. 50);[28]
XIII - *Do que se há de rezar e cantar no coro, e de como se deve fazer a doutrina* (f. 52);[29]
XIV - *De como se há de cantar a Salve, os louvores da tarde e outras coisas tocantes à devoção de Nossa Senhora, a sempre Virgem Maria* (f. 56);[30]
XVI - *Notável da administração dos Santíssimos Sacramentos da Igreja* (f. 52 [58]);[31]
XVII - *Da necessidade e utilidade deste nosso Símbolo Católico Indiano* (f. 61);[32]
XVIII - *Todo o dito e contido neste livro oferece o autor à correção e censura da Santa Igreja Romana* (f. 64).[33]

Capítulo VIII - *Descrição do sítio, terra e populações do Peru*

O autor, além de relacionar os aspectos mais notáveis da geografia física e humana de sua região natal, elaborando texto de grande interesse antropológico e geográfico, descreve sua localização, relacionando-a aos territórios vizinhos, especialmente os do Reino do Chile. Lembremos que, de acordo com o conhecimento geográfico do final

---

Santiago do Chile. A obra mais conhecida desse autor é a *Historia general del Reyno de Chile, Flandes Indicano* (Valparaíso, 1877-1878, 3v.).

[26] No original: "*Descripción del sitio, tierra y poblaciones del Perú*" (N. do T.).

[27] No original: "*Del orígen y condiciones particulares de los indios del Perú*" (N. do T.).

[28] No original: "*Del ornato de las Iglesias y de los altares*" (N. do T.).

[29] No original: "*De lo que se ha de Rezar y cantar en el Coro, y de como debe hacer la doctrina*" (N. do T.).

[30] No original: "*De como se ha de cantar la Salve, los alabados por la tarde, y de otras cosas tocantes a la devoción de nuestra Señora la siempre vírgen María*" (N. do T.).

[31] No original: "*Notable De la administracion de los Santos Sacramentos de la Iglesia*" (N. do T.).

[32] No original: "*De la necesidad y utilidad de este nuestro Symbolo Catholico Indiano*" (N. do T.).

[33] No original: "*Todo lo dicho y contenido en este libro ofrece el Autor a la corrección y censura de la santa Iglesia Romana*" (N. do T.).

do século XVI, considerava-se a terra firme sul-americana começando a partir do Estreito de Magalhães,[34] sendo que a Província do Chile ocupava o território compreendido entre Chiloé e Copiapó, abarcando vilas e cidades eclesiasticamente dependentes dos bispados de Santiago e de La Imperial, instituídos respectivamente em 1561 e 1564.

Além do referencial oceânico, Oré destaca a presença unificadora, na paisagem sul-andina, da Cordilheira dos Andes. Em direção ao leste e sudeste, o autor informa que, terminando as possessões peruanas, começa a rota para as regiões de Tucumán e Paraguai. Convém lembrar que, já entrado o século XVII, os territórios agrupados nas províncias determinadas pela organização eclesiástica, incluíam zonas que, com o correr do tempo, terminaram por constituir-se em países independentes. Não obstante, no período do qual nos ocupamos, as unidades religiosas e administrativas abarcavam grandes territórios. Um último e indispensável aspecto destacado por Oré, como ocorre na grande maioria das *descrições* ou *relações* coloniais,[35] refere-se à riqueza mineral de ouro e prata, que tornaria célebre a região.

Capítulo IX - *Da origem e condições particulares dos índios do Peru*

Neste capítulo o autor evidencia seu apreço pelos povos naturais americanos e sua cultura, qualificando seus habitantes e seus costumes como "*nobres, honrados e limpos*".[36] Destaca, em primeiro lugar, os naturais do Peru, Chile, Tucumán (futura Argentina) e Paraguai, para incluir logo os dos reinos de Nova Granada (atual região colombiana) e do México. Evidencia, também, quais eram, para os americanos ilustrados da época (que ele mesmo representava), os paradigmas das nações nobres e cultas, mencionando entre elas os povos espanhóis, franceses, italianos, flamengos e alemães.[37] Oré

[34] O tráfego marítimo entre o velho mundo e as possessões ultramarinas espanholas dos reinos vizinhos à costa pacífica da América do Sul, dava-se fundamentalmente através do estreito descoberto em 1520 pelo navegante português Fernão de Magalhães. Daquele ponto, para o viajante europeu, as terras austrais apareciam como as primeiras, pois que se chegava a elas do sul para o norte.

[35] *Descrições* ou *relações* são títulos de relatórios que, no período colonial, eram escritos sobre aspectos humanos e geográficos acerca de territórios da América Latina. Esses títulos aparecem tanto em documentos espanhóis quanto portugueses (N. do T.).

[36] No original: "*nobles, honradas y limpias*" (N. do T.).

[37] É evidente a exclusão de nações rivais como Portugal, Inglaterra e Holanda. Com a primeira delas, a Espanha já havia tentado resolver os litígios de posse através de Alexandre VI, o qual emitiu a bula pontifícia *Intercætera* em 1493 e, diretamente, por meio do *Tratado de Tordesilhas*, no ano seguinte. Por sua parte, as duas últimas, motivadas por rivalidades políticas e religiosas, não reconheceram os direitos de Espanha e Portugal sobre os novos territórios. Na caso da França, que mantinha essas mesmas questões com a monarquia espanhola, sua rivalidade não se manifestou até princípios do século XVII, quando

aponta como causa do desenvolvimento, na "*ordem política*[38] *de viver*"[39] dessas nações, o fato de seus habitantes terem recebido o batismo católico.

Capítulo XII - *Do ornato das igrejas e dos altares*

Citando diferentes salmistas,[40] Oré define o espaço arquitetônico da igreja como o templo de Deus e casa comum de todos, na qual o povo cristão o louva através de suas orações e os sacerdotes oferecem o sacrifício da missa pelo bem comum de toda a freguesia. Subjacente à sua função, observa-se um claro espírito cívico, quando o autor destaca também o costume de velar por "*todas as necessidades e causas gerais e particulares da república*"[41] unindo, dessa maneira, os objetivos espirituais e temporais que caracterizaram o trabalho da igreja em toda a colônia e mesmo após a independência. Nesse sentido, Oré reconhece a dívida de gratidão com o monarca espanhol por sua colaboração material à igreja, em forma de esmola para os óleos usados na lâmpada do Santíssimo Sacramento e para o vinho utilizado na missa.[42]

Em relação ao objetivo específico do templo religioso, como lugar de doutrina e evangelização dos indígenas, Oré exorta os curas a apelar para todas as formas de poder, com a finalidade de obter uma rápida ereção de igrejas, dirigindo-se a corregedores e a caciques, como também ao povo em geral.[43] O autor argumenta, a esse respeito, que de outra maneira seria incômodo aos naturais acudirem a essas obrigações, expostos às intempéries ou reunindo-se em "*ramadas mui indecentes para cousa tão importante ou necessária*".[44]

---

iniciou-se a colonização do Canadá e da Luisiana, o que explicaria a inclusão desse país por Oré entre as nações paradigmáticas de fins do século XVI.

[38] O termo "político", assim como "polícia", pode entender-se aqui referido a "boas maneiras" ou "modos refinados".

[39] No original: "*orden político de vivir*" (N. do T.).

[40] Menciona o "*Real profeta*" (provavelmente o Rei David) e "São João Crisóstomo".

[41] No original: "*todas las necesidades y causas generales y particulares de la república*" (N. do T.).

[42] Tanto o óleo para se queimar, quanto o vinho para a consagraração constituíam alguns dos principais gêneros que transportavam os navios reais diretamente da Espanha, com destino a todas suas colônias, o mesmo ocorrendo de Portugal para o Brasil. Uma vez desembarcadas, tais mercadorias eram transportadas por terra até os lugares mais remotos, onde o trabalho religioso os necessitasse.

[43] Como se observa, desde sua própria gênese, as igrejas americanas consideraram a herança hispânica e indiana, caracterizando, assim, sua arte religiosa colonial. [No Brasil ocorreu o mesmo, porém, devido às particularidades de sua colonização, o fenômeno se deu com maior intensidade em relação à herança africana (N. do T.)].

[44] [No original: "*ramadas muy indecentes para cosa tan importante o necesaria*" (N. do T.)]. Uma vez mais, Oré leva em consideração essa necessidade como um problema para toda a região sul do continente, quando assinala como inconvenientes naturais o sol, a água, o calor e o frio.

Em seguida, Oré indica quais devem ser os elementos de ornamentação, segurança e higiene que deve ter uma igreja, desde as cores apropriadas ao ordinário, determinadas pelo tempo anual, até o cuidado com as pias de água benta e com a manutenção do Santíssimo Sacramento que, por essa época, segundo nos conta, deveria ser guardado nos aposentos onde residia o prelado. Assinala agudamente a importância desses e outros elementos visuais para o trabalho doutrinário, "*pois dessas cousas exteriores se admiram os índios, gerando maior reflexão*".[45]

Nessa mesma linha, argumenta em favor do emprego da música, assinalando que "*é cousa mui conveniente que, nas festas e domingos principais, se cantem as vésperas, se faça procissão devotamente e se cante a missa*".[46] Aprofunda o tema, acrescentando que, para servir a tais funções, "*haja cantores e mestres de capela, os quais sejam ensinados no cantochão e canto de órgão e em instrumentos como flautas, charamelas e trombetas,*[47] *pois tudo isso autoriza e ajuda para o fim principal da conversão dos índios e confirmação na fé católica que receberam da Santa Igreja Romana*".[48]

Um problema organológico para a exata determinação do instrumental mencionado por Oré está no emprego de nomes de instrumentos que podem ser tanto genéricos quanto específicos, dentro da categoria dos instrumentos de sopro. Com relação ao termo *flautas*, este pode referir-se tanto aos modelos retos (flautas doces) quanto aos horizontais (flautas transversais); *charamelas*[49] podem ser aplicados a quaisquer modelos de instrumentos com palheta dupla antecessores do oboé barroco, desde a pequena *charamela* (ou *charamelinha*), até o *shawm* de maiores proporções; quanto às *trombetas*,[50] o termo pode ser aplicado desde aos modelos de clarins militares, passando pelo *cornetto*, até às *sacabuxas* ou trombones da época.[51]

---

[45] No original: "*pues en estas cosas exteriores ponen los indios los ojos, y hacen mayor reflexión*" (N. do T.).

[46] No original: "*es cosa muy conveniente que en las fiestas y Dominicas principales, se canten las Vísperas, y se hagan procesión devotamente y se cante la misa*" (N. do T.).

[47] Essa recomendação segue fielmente o texto promulgado pelo III Concílio Limense, na Seção 5, Capítulo 5, como corretamente observou Oré. Cf. Primitivo Tineo, op. cit., p.497.

[48] No original: "*haya cantores y maestros de capilla, los cuales sean enseñados en el canto llano, y canto de órgano, y en los instrumentos de flautas, chirimías y trompetas: pues todo esto autoriza y ayuda, para el fin principal de la conversión de los indios y confirmación en la fe católica que han recibido de la Santa Iglesia Romana*" (N. do T.).

[49] No original: "*chirimías*" (N. do T.).

[50] No original: "*trompetas*" (N. do T.).

[51] Observa-se problema semelhante nos textos referentes às práticas missionárias na América Portuguesa, quando são citados, em português, nomes de instrumentos de sopro como *charamelas*, *frautas*, *trombetas*, *baixões*, *cornetas* e *fagotes* (N. do T.). Cf. nota 63.

Uma valiosa fonte iconográfica comparativa é a obra de Felipe Huamán Poma de Ayala, contemporâneo e conterrâneo de Oré, na qual encontramos, entre outras, uma lâmina intitulada "*Los cantores de la Yglesia...*" (*Os cantores da igreja...*).[52] Nessa ilustração observa-se que, enquanto um dos homens canta e dirige o grupo, apontando com a mão direita o texto da Antífona de Nossa Senhora *Salve Regina, Mater misericordiæ*, segurando, com a esquerda, uma flauta doce, os outros quatro executam um quarteto desses instrumentos.

[INSERIR NESTA POSIÇÃO O FAC-SÍMILE 2 - "Los cantores de la yglesia"]

Figura 2. "*Os cantores da igreja...*" Gravura da **Nueva Corónica y Buen Gobierno** (Perú, 1615) de Felipe Huamán Poma de Ayala, fonte contemporânea e complementar à obra de Oré. Nesta ilustração observa-se que, enquanto um dos homens canta e dirige o grupo, apontando com a mão direita o texto da Antífona de Nossa Senhora *Salve Regina, Mater misericordiæ*, segurando, com a esquerda, uma flauta doce, os outros quatro executam um quarteto desses instrumentos. Tanto o hino quanto os instrumentos e o papel dos índios na igreja foram mencionados pelo franciscano peruano.

Capítulo XIII - *Do que se há de rezar e cantar no Coro, e de como se deve fazer a doutrina*

O autor passa, neste capítulo, a indicar como os assentamentos de índios, nos quais se realizam atividades evangelizadoras cristãs, deixaram de ser chamados *pueblos*,[53] passando a receber a denominação *doctrinas*,[54] tanto por parte dos indígenas como dos espanhóis. A razão, segundo o autor franciscano, é que nelas a principal ati

[52] Felipe Huamán Poma de Ayala. *Nueva Corónica y Buen Gobierno*, Peru, [1615]. Manuscrito da Biblioteca Real de Copenhagem (Antiga Coleção Real, MS 223), impresso em dois volumes, com transcrição, prólogo, notas e cronologia por Franklin Pease (Ayacucho, Biblioteca Ayacucho, 1980. lxxv, 429, 539 p.). Tanto o hino, quanto os instrumentos e o papel dos índios na igreja são mencionados pelo franciscano peruano. Um instrumental complementar, correspondente ao século XVII, pode ser observado na magnífica série de pinturas provenientes de oficinas cuzquenhas, relativas à vida de São Francisco, conservadas no Museu de São Francisco de Santiago, Chile. O esclarecimento dessa questão é uma das tarefas pendentes que atinge diretamente os cultores da música virreinal americana e que, obviamente, incide nos aspectos da *performance* historicamente adequada desse repertório.

[53] A palavra *pueblo*, em espanhol, pode corresponder tanto a *povo*, quanto a *povoado*, em português. Aqui, *pueblo* está sendo utilizada com o mesmo sentido que se empregava, na América Portuguesa, a palavra *aldeia*, para os núcleos de assentamentos indígenas, inicialmente levados a cabo pelos jesuítas. Pela relação deste termo com a história particular dos índios da América Espanhola, mantivemos a palavra *pueblo* no corpo do texto de nossa tradução (N. do T.).

[54] A palavra *doutrina*, com o significado de núcleo de assentamento indígena onde se ensina a *doutrina cristã* é menos utilizada em português. Este trecho de Agostinho de Santa Maria (*Santuario Mariano...* Lisboa, Antônio Pedroso Galrão, 1722. v.9, livro II, título LXII, p.396) é um dos poucos exemplos onde isso acontece: "*Doze legoas pelo Rio das Amazonas acima tem os Padres do Convento de Santo Antonio da Cidade de Belem hûa Doutrina, & Aldea, em que tem muytos Indios.*" (N. do T.).

vidade comunitária era, precisamente, o costume de "*cantar e rezar a doutrina cristã, e ensiná-la os sacerdotes aos índios*".[55]

Oré prescreve, em seguida, cada detalhe de tal prática. Esta deve começar pelo chamado diário, para convocar os cantores ao coro, através do toque do sino, chamado esse que também deve indicar o início do trabalho dos fiscais e meirinhos, que têm o dever de convocar, nas casas e ruas, os meninos para receberem a doutrina cristã. Aos domingos, quartas e sextas-feiras ou em dias de festa, a convocação deve generalizar-se a todos os habitantes do *pueblo*, para que assistam não somente à doutrina, mas também para que acudam à missa e ao sermão. O toque do sino deve também anunciar a realização da missa maior, das vésperas, da oração quotidiana e da missa especial, pelas almas do purgatório. Adverte que somente se deve repicar o sino para tais ocasiões, cuidando para não o fazer por quaisquer outros motivos, para que se evite confundir os indígenas e para que estes atribuam sempre a maior importância ao referido sinal.

O oficio a N. Senhora deve ser rezado, com devoção, junto aos cantores no coro. Oré testemunha a diligência de alguns clérigos que, não se conformando em rezá-lo, o fazem cantar diariamente, como o ofício divino, percebendo que os índios a ele acudiam com tamanho gosto, que aprendiam com facilidade tanto o texto quanto a melodia dos cânticos. Assinala, além disso, que essa prática foi comum na atividade dos religiosos de sua ordem, tanto no Peru quanto no México, desde meados do século XVI.

Em seguida, Oré indica que, logo após esse ofício, deve-se rezar, entoar ou cantar o hino do *símbolo* correspondente, para passar então a cantar o *Te Deum laudamus* na língua original do povo e, de joelhos e em caráter mais recolhido, os versos seguintes deste *símbolo* de Santo Ambrósio e Santo Agostinho, *Te ergo quæsumus* e *Miserere nostri, Domine, Miserere nostri*,[56] para terminar o ofício da manhã cantando o responsório breve de prima *Christe Fili Dei*,[57] também em língua nativa.

---

[55] No original: "*cantar y rezar la doctrina Cristiana, y enseñarla los sacerdotes a los indios*" (N. do T.).

[56] Segundo a tradição, o *Te Deum laudamus* teria sido composto por Santo Ambrósio para celebrar o batismo de Santo Agostinho e, por isso, foi tido como *símbolo* desses dois Doutores da Igreja. Ainda segundo a tradição, alguns versículos deveriam ser cantados de joelhos, como o 20º (*Te ergo quæsumus*) e o 27º (*Miserere nostri, Domine*) (N. do T.).

[57] *Christe Fili Dei vivi, miserere nobis* é um dos "*Responsórios breves, que se cantam nas horas canonicas ao modo Romano*", especificamente nas horas de *Prima* (Existem 8 horas canônicas no período de 24 horas de um dia, destinadas ao canto dos *ofícios*: *Matinas*, *Laudes*, *Prima*, *Terça*, *Sexta*, *Nona* ou *Nôa*, *Vésperas* e *Completas*). Cf. Mathias de Sousa Villa-Lobos. *Arte de cantochão* [...]. Coimbra, Manoel Rodrigues de Almeida, 1688. "Segvnda Parte", Cap. LVI, "*Em o qual se trata de tudo o que pertence aos moços do coro*", p.167-176 (N. do T.).

Pela tarde, deve-se cantar o *símbolo* menor quotidiano, utilizando-se, para isso, a melodia do hino *Sacris solemnis*, seguido do responsório, verso e oração do ofício de Completas. Depois, cantar-se-á a *Antífona de Nossa Senhora* do tempo,[58] concluindo-se com um responso pelas almas do purgatório.

Passa em seguida a assinalar que, em relação à doutrina cristã, o sacerdote deve ministrá-la a todos os índios, meninos e adultos, sem excetuar os anciãos, a menos que esses não pudessem a ela acudir, por estarem enfermos ou impedidos. Os dias de doutrina para todo o *pueblo*, reitera o autor, são os domingos, quartas e sextas-feiras. Reunidos todos os integrantes da comunidade indígena em frente à igreja, proceder-se-á da seguinte maneira: agrupar-se-ão os cantores, os meninos da escola e os meninos da doutrina ao redor de um dos que tenham um estandarte ou bandeira erguida; os demais índios e índias, formados em duas filas distintas, entrarão cantando a doutrina, que será liderada pelos meninos de melhores vozes e musicalmente mais destros e educados, ao que todos responderão, imitando-os tanto na melodia quanto no texto; seguindo aos últimos índios, ingressarão então com o estandarte, com toda a companhia de cantores e meninos. O autor acrescenta que, se tal prática é considerada excessiva para todos os dias, ao menos deve ser observada aos domingos, destacando seu valor formativo entre os naturais.[59]

Para os dias que não sejam os indicados, o autor determina que se repita o mesmo somente com os meninos e meninas do *pueblo*, os quais devem entrar também em duas filas separadas na igreja, desta vez com uma cruz erguida levada por um deles. Além da doutrina, sugere que se cante em sua própria língua as quatro orações - o *Pai Nosso*, o *Credo*, a *Ave Maria*, e o *Bendito* - indicando como apropriado o *quarto modo* (hipofrígio).[60] Logo, seja na igreja ou ao pé da cruz no cemitério, dois meninos dos mais destacados repetirão uma vez mais o catecismo a seus companheiros.

---

[58] Dessas antífonas, a primeira é *Alma redemptoris* (atribuída a Hermanus Contractus, monge de Reichenau, †1054), cantada todos os sábados desde o Advento até a Purificação; a segunda é *Ave Regina Cælorum* (provavelmente do período de Clemente VI, †1352), cantada desde as Completas da Purificação até a Quinta-feira Santa; a terceira é *Regina Cæli* (de fins do séc. X), cantada desde a Páscoa até antes da Santísssima Trindade; a quarta é *Salve Regina* (presumivelmente de Adhemar, Bispo de Puy, 1098), cantada desde a Santíssima Trindade até ao Advento. Cf. MISSAL quotidiano e vesperal, op. cit. p.1008-1017 (N. do T.).

[59] Oré destaca a vertente didática de sua doutrina, quando afirma que, ao utilizar a música, os índios aprendem com maior gosto que se o fizessem motivados apenas pela obrigação e temor ao castigo. Considera claramente o canto e a procissão como ferramentas ou "*meios para*" [medio para], quando se refere a eles como "*esses disfarces*" [*estos disfraces*], especialmente para os "*viciosos em faltar*" [*viciosos en faltar*].

[60] No original: "*cuarto tono*" (N. do T.).

Reforçando a importância do trabalho doutrinário, o autor determina aos sacerdotes que, aos domingos, de acordo com suas disponibilidades, reiterem do púlpito ou altar maior, parte das ensinamentos ou, pelo menos, as quatro orações. E, para a adequada consideração que devem ter os doutrinados nessas matérias, aconselha examiná-los pelo menos anualmente, durante o período da Quaresma, sugerindo, caso não as souberem, castigos proporcionais à sua classe e condição. Essas penas não devem ser nem excessivas e nem tão leves, para que os castigados não possam delas rir.[61]

À caída da noite, depois da oração, determina finalmente que os meninos da escola cantem em procissão a doutrina em cada esquina da praça, elevando especiais orações pelas almas do purgatório,[62] costume que é de tradição antiga na Espanha e Portugal, transferido já no século XVI para os territórios americanos.[63]

Oré Conclui esse capítulo reiterando a importância de existir, em cada *doctrina* ou *pueblo* de índios, escolas com mestres e cantores "*pagos com salário suficiente*",[64] para se dedicarem a essas tarefas com os meninos. Entre as funções desses preceptores, destaca o ensino para rezar a doutrina, ler, escrever, cantar e tocar instrumentos, constituindo assim a escola na "*alma de todo um povo, para melhor ser doutrinado e regido (e onde a não houver, faltará todo o dito) com doutrina, música, ornamentos e serviço das igrejas, altar e coro*".[65]

Capítulo XIV - *De como se há de cantar a Salve, os louvores da tarde, e de outras coisas tocantes à devoção de Nossa Senhora, a sempre Virgem Maria*

[61] Entre os castigos sugeridos, encontram-se a limpeza da igreja, para caciques, índios principais e suas mulheres; para os meninos, as penas deveriam ser aplicadas com a "*moderação de rigor e brandura que pede sua pouca idade*" [*con la templanza de rigor y la blandura que pide su poca edad*]; para o restante da comunidade, aconselha açoites, aplicados com "*rigor humano e caritativamente*" [*con rigor humano y caritativamente*]. Em todos os casos, Oré pede aos sacerdotes que apliquem o castigo, como padres, "*de maneira que por dá-los, sejam antes amados que tidos como contraventores, pois não têm compreensão para mais que o dito*" [*de manera que por darlo, sean antes amados que tenidos como jueces, pues no tienen la facultad para mas que lo dicho*].

[62] Adiante, ao desenvolver o Capítulo XV, *Da devoção das Almas do Purgatório*, Oré nos informa que o cerimonial da ordem, assim como o "*novo manual impresso en Salamanca*" [*manuel nuevo impreso en Salamanca*] prescreve que esta celebração, com procissão, deve ser realizada todas as segundas-feiras com quatro responsos, versos e orações.

[63] O processo de aldeamento dos índios e de transferência de costumes cristãos para a América Espanhola foi muito similar àquele observado na América Portuguesa. Para compará-los, ver, ao final deste artigo (item 4), *Anexo* de Simão de Vasconcelos (Lisboa, 1663): "*Continuam os trabalhos do Padre Manuel da Nóbrega e seus companheiros*" (N. do T.).

[64] No original: "*pagados con salario suficiente*" (N. do T.).

[65] No original: "*el anima de todo un pueblo para ser mejor adoctrinado y regido, y donde no la hubiere faltara todo lo dicho, de doctrina, musica, ornato y servicio de las iglesias, altar y coro*" (N. do T.).

Neste capítulo, Oré exalta o valor da Virgem Maria, a quem chama "*principal mestra de nossa redenção*",[66] aconselhando aos índios sua especial devoção, para o que indica que, em toda igreja, deva haver uma sua imagem e, se possível, um altar ou capela particular. Assim mesmo, aconselha que exista uma confraria especial, dedicada a Nossa Senhora, inclusive nos menores *pueblos*, sendo muito conveniente "*ainda que seja um só índio, que viva em uma estância, deserto ou planalto, que seja confrade e devoto de Nossa Senhora*".[67] A missa dedicada ao culto mariano, prescreve o autor, deve ser rezada todos os sábados, cantando-se solenemente, com a assistência de seus confrades. Recorda que, no já mencionado *Concílio Limense* de 1583, existe disposição expressa para se cantar a *Salve Regina* - Ação Segunda, Capítulo 27 - a qual, segundo o autor, deverá obedecer o seguinte procedimento, que transcrevemos na íntegra:

> "*Para essa santa devoção da* Salve*, tocarão somente os sinos e, com o último sinal, se ajuntarão na praça os cantores e meninos da escola, com toda a gente que se lhes chegar, sob a bandeira da Confraria de Nossa Senhora. E entrarão em procissão, cantando a* Ladainha de Nossa Senhora *na língua em que adiante será posta, o que deverá proporcionar muita devoção nas aldeias* [pueblos] *onde isto se fizer. Acabada a ladainha, precederão ao sacerdote três acólitos, dois com círios acesos, e o outro com o turíbulo. E, vestido o sacerdote com sobrepeliz e estola, ou com capa, segundo a comodidade que tiver, purificando primeiro o altar de Nossa Senhora, começará entoando a* Salve Regina*. Então, prosseguirá o coro com o órgão, com as flautas ou outros instrumentos, ou cantando, mas louvando à rainha, virgem e mãe de misericórdia. Terão os curas, além disso, cuidado para que os índios sejam ensinados a rezar o* Rosário *ou* Coroa de Nossa Senhora*, com as orações de cada um dos mistérios, que adiante serão postos em sua língua. E as festas principais de Nossa Senhora sejam celebradas com vésperas solenes, missa, procissão e sermão e, se não houver sermão, na solenidade daquele dia se diga o catecismo, porque muito curta é a solenidade na qual falta a palavra de Deus ao povo Cristão, quando está congregado no templo para ouvir missa e doutrina*."[68]

---

[66] No original: "*principal maestra de nuestra redención*" (N. do T.).

[67] No original: "*aunque sea un solo indio, que viva en una estancia, desierto o puna, sea cófrade y devoto de nuestra Señora*" (N. do T.).

[68] No original, f.57r-57v (aqui mantida a ortografia original): "*Para esta sancta devocion de la Salve tocarã solamente las campanas, y con la postrera señal se jûtaran enla plaça los cantores y muchachos dela escuela con toda la gente que se les llegare debaxo de la vandera dela cofradía de nuestra Señora: y entraran en procesion cantando la letania de nuestra Señora enla lengua, segû que adelante va puesta, lo cual suele mover a mucha deuocion enlos pueblos dõde esto se hace. Acabada la letania preceden al sacerdote tres Acolitos, los dos con ciriales encendidos, y el otro cõ el incensario. Y vestido el Sacerdote de sobrepelliz y estola, o con capa, segun la comodidad tuuiere, thurificando primero el altar de nuestra Señora, començara entonando, Salue Regina . Lo qual proseguira el choro con el organo, o con flautas, o con otros instrumêtos, o cantando y alabando ala Reina, Virgê y madre de misericordia. Tendran los*

Capítulo XVI - *Notável da administração dos Santíssimos Sacramentos da igreja*

Em relação às atividades diárias do sacerdote e à divisão de seu tempo, Oré aconselha que seja reservado o suficiente para se rezar as horas do ofício, para se confessar, visitar os enfermos e a eles levar os sacramentos, para ser celebrada a missa e para se dizer a doutrina. Sabiamente, aconselha que também se procure algum tempo para o descanso físico e espiritual, afirmando "*que o corpo não é de ferro* [...] *nem menos a alma de diamante*",[69] sendo necessário dedicar "*um pouco de tempo para descansar no leito secreto da oração* [...]."[70]

Capítulo XVII - *Da necessidade e utilidade desse nosso Símbolo Católico Indiano*

Aqui, Oré informa que esta obra foi concebida, pensando-se no proveito das práticas cristãs de índios e religiosos franciscanos ou de outras ordens, esperando que os religiosos, em suas diferentes paróquias, promovam a leitura do *Símbolo católico indiano* entre os naturais, especialmente entre os índios cantores da doutrina. Desses últimos, espera que utilizem quotidianamente os hinos e cânticos espirituais que compôs em sua língua para cada ocasião e os estendam aos meninos da escola e aos da doutrina.

Mais adiante explica que, para a composição de tais textos, utilizou o metro *sáfico* que, segundo o autor, consta dos ritmos *troqueu*, *espondeu* e *dactílico*, agregados a dois *troqueus*. Esse metro, acrescenta exemplificando, foi muito utilizado na igreja através dos tempos e aplicado a diferentes cantos e entoações,[71] destacando o que se canta nas segundas vésperas dos domingos da Quaresma, "*cujo modo é o oitavo* [hipomixolí

---

curas de mas destro [ademas de esto?] *cuydado en que los indios sean enseñados a rezar el Rosario o corona de nuestra Señora, con las oraciones de cada vno de los mysterios que adelãte van puestas enla lengua. Y las fiestas principales de nuestra Señora sean celebradas con solemnes visperas, Misa, procesion y sermon, y sino vuiere sermon, por la solemnidad de aquel dia se diga el cathecismo, porque muy corta es la solemnidad en que falta la palabra de dios al pueblo Christiano, quando esta cõgregado en el templo para oyr misa y doctrina*." (N. do T.).

[69] No original: "*que no es el cuerpo de acero* [...] *ni menos el alma de Diamante*" (N. do T.).

[70] No original: "*un poco de tiempo a descansar en el secreto lecho de la oración* [...]." (N. do T.).

[71] Menciona o poeta latino Horácio, que compôs a "*Ode segunda*" nesse metro para, em seguida, citar os dois hinos compostos por São Gregório para as *matinas* e *laudes* dominicais, que se incluem no Breviário Romano. Também cita os três hinos dedicados a São João Batista, compostos por Paulo Diácono e os que se cantam na festividade dos Anjos, no Comum dos Santos Confessores e das Santas Virgens.

dio], *de muito bom artifício e melodia*",[72] sendo este o ideal para que cantem os índios, "*porque são movidos à devoção com a letra* [...] *e o modo lhes seja ajuda e parte do caminho para o mesmo*".[73]

Expressa que o propósito último de sua obra é "*induzir os índios, com palavras e exemplos, para que louvem a Deus e para que nos templos e em toda parte* [...] *ressoe* [...] *o santíssimo nome de Jesus Cristo Nosso Senhor e Deus verdadeiro* [...]".[74]

Conclui o capítulo instando os religiosos em seu labor evangelista, "*argüindo, ensinando, exortando e rogando, censurando, repreendendo e castigando*",[75] deles esperando paciência e sacrifício em seu trabalho. Em relação aos índios, assinala finalmente, que não devem ser mal tratados, nem eles nem seus caciques, pois "*assim perde-se muito o crédito com eles* [...]".[76]

Capítulo XVIII - *Todo o dito e contido neste livro oferece o autor à correção e censura da Santa Igreja Romana*

Oré informa que sua obra foi lida e aprovada por religiosos de sua ordem, mas também por dominicanos, agostinianos, mercedários e jesuítas experientes nas línguas indígenas, considerando, todos, correta sua tradução.

3. Conclusões

O *Símbolo católico indiano* de Luís Jerônimo de Oré constitui, provavelmente, a mais antiga fonte referente ao processo missionário sul-andino,[77] mas também em rela

[72] No original: "*cuyo tono es octavo de muy buen artificio y melodia*" (N. do T.).
[73] No original: "*porque se mueven a devocion con la letra* [...] *y el tono les sea ayuda y parte para lo mismo*" (N. do T.).
[74] No original: "*inducir con palabras y con ejemplos a los indios, para que alaben a Dios y para que en los templos y en toda parte* [...] *resuene* [...] *el santisimo nombre de Jesucristo nuestro Señor y Dios verdadero* [...]" (N. do T.).
[75] No original: "*arguyendo, enseñando, exhortando, y rogando, increpando, reprendiendo y castigando*" (N. do T.).
[76] No original: "*se pierde mucho con eso el credito con ellos* [...]" (N. do T.).
[77] Na introdução, ao oferecer sua obra aos sacerdotes do reino, Oré pede lhe sejam perdoados "*os ferros que se acharem por esse novo caminho que abri, pelo qual não sei de ninguém que caminhou até agora*"

ção às práticas musicais religiosas e à devoção mariana, em relação à função e uso da música como elemento de evangelização e aculturação durante todo o período colonial e ainda durante parte do período republicano (a partir de 1810).

Seu valor, como fonte específica sobre a dinâmico processo música-doutrina é, em nível continental, comparável e complementar às obras análogas produzidas nos demais territórios do continente (incluindo a América Portuguesa),[78] em especial no bispado do México. Em termos regionais, sua influência ultrapassou os limites de sua terra natal, alcançando as do Alto Peru (atual Bolívia), Quito (no Equador), Paraguai, Tucumán (Argentina) e Chile, como também alcançou as demais ordens religiosas ativas na área. De fato, o *Concílio Provincial* realizado em Cuzco, em 1601, adotou o *Símbolo católico indiano* de Oré como obrigatório em todas as doutrinas da região.

Sua permanência enquanto bispo de La Imperial, nos territórios mapuches e chilotes, em plena maturidade de suas faculdades apostólicas e intelectuais possui, sem sombra de dúvida, uma decisiva importância para o estudo dos processos missionários na região. A esse respeito, é possível afirmar que muitos dos conteúdos músico-doutrinais do *Símbolo* de Oré podem ser encontrados em obras posteriores desse tipo (*catecismos, doutrinas* e *artes* de línguas mapuches), compostas por missionários jesuítas durante os séculos XVII e XVIII.[79]

Ainda que a indagação de seu legado na atividade doutrinário-musical da região sul-americana esteja todavia em curso, resultam evidentes as notáveis analogias, tanto

---

[*los yerros que hallaren en este camino nuevo que he abierto, por el cual ninguno sé que haya caminado antes de ahora*].

[78] Em relação à América Portuguesa e em termos prescritivos, as primeiras publicações importantes do gênero foram as de Antônio de Araújo (*Catecismo na Lingoa Brasilica*..., Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1618 e *Catecismo Brasilico da Doutrina Christaã*..., Lisboa, Miguel Deslandes, 1686), de João Felipe Bettendorf (*Compêndio de Doutrina Christaã na lingua Portugueza, & Brasilica*..., Lisboa, Miguel Deslandes, 1678), de Lodovico Vincenzo Mamiani delle Rovere (*Catecismo da doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Nação Kiriri*..., Lisboa, Miguel Deslandes, 1698) e de Bernardo de Nantes (*Katecismo Indico da Lingua Kariris*..., Lisboa, Valentia da Costa Deslandes, 1709), além das gramáticas da "*língua brasílica*", publicadas inicialmente por José de Anchieta (Coimbra, 1595) e Luís Figueira (Lisboa, 1621) e da *Arte da língua de Angola*, de Pedro Dias (Lisboa, 1697), entre outras. Bem maior, no entanto, é a quantidade de informações descritivas sobre esse processo, no período colonial brasileiro. Note-se que, ao contrário do que ocorreu nas regiões hispano-americanas, os livros utilizados na América Portuguesa ou referentes a ela, sempre foram publicados na Europa, uma vez que, até 1808, foi proibida a impressão de livros no Brasil. Cf., entre outros, Paulo Castagna. *A música como instrumento de catequese no Brasil dos séculos XVI e XVII* (*D. O. Leitura*, São Paulo, ano 12, n.143, p.6-9, abr. 1994) e *Fontes bibliográficas para a pesquisa da prática musical no Brasil* n*os séculos XVI e XVII* (Diss. Mestrado, São Paulo, ECA-USP, 1991. 3v.). (N. do T.).

[79] Referimo-nos às obras dos padres Luis de Valdívia (*Arte, vocabulario y confesionario de la lengua de Chile,* Lima, Francisco del Canto, 1606), Andrés Febrés (*Arte de la lengua general del reyno de Chile,* Lima, 1765) e Bernardo de Havestadt (*Chilidúgú sive tractatus linguæ chilensis,* Westfalia, Typis Aschendorsianis, 1777).

de conteúdo quanto de formas, referentes às instituições e atividades específicas prescritas no *Símbolo* e as descritas nas paradigmáticas doutrinas jesuíticas da área, nos séculos XVII e XVIII.

Entre os aspectos gerais das devoções mestiças indiano-hispânicas de herança católica, que perduraram até nossos dias, com a concorrência de práticas musicais, a obra de Oré apresenta antecedentes fundamentais, referentes aos seguintes itens:

1. instituições laicas paralitúrgicas, tais como confrarias, fiscais, cabidos, índios doutrinários, etc.;
2. práticas cerimoniais, especialmente processionais, em suas dimensões temporais, espaciais e simbólicas, imbricadas à prática musical;
3. uso e função da música na atividade doutrinária, com destaque para o valor eminentemente didático assinalado a essa prática, relacionando-a, além disso, à educação e ao papel da escola na sociedade.

Em um âmbito musical mais específico, Oré apresenta dados valiosos em torno de aspectos teóricos e práticos, tais como:

1. modos e pés rítmicos utilizados na liturgia cristã pré e pós-hispânica;
2. caracterização organológica pertinente a essas práticas;
3. papel do canto e especificações do hinário básico.

A condição cultural mestiça de Oré - de ascendência hispano-peruana - assim como sua experiência em distintas dignidades eclesiásticas, tanto na América quanto na Europa, aliadas à sua formação humanista, na qual a música e a literatura ocupavam um importante lugar, permitem-nos afirmar que o autor do *Símbolo católico indiano* constitui uma figura paradigmática de primeira ordem na dinâmica música-doutrina no Novo Mundo. Sua obra deve ser levada em consideração enquanto referencial indispensável para o estudo desse tema, especialmente na região sul-andina.

4. Anexo - "Continuam os trabalhos do Padre Manuel da Nóbrega e seus companheiros" (Simão de Vasconcelos - Lisboa, 1663)[80]

[80] Dentre os textos conhecidos sobre o processo de aldeamento dos índios e de transferência de costumes cristãos para América Portuguesa, iniciada na Bahia em 1549, um dos mais interessantes é o de Simão de Vasconcelos, na *Chronica da Companhia de Jesv do Estado do Brasil* (Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1663, "Chronica", livro II, p. 176-180 § 6-10), baseado em cartas jesuíticas escritas do Brasil entre 1555-1562, sobretudo por Manoel da Nóbrega (1517-1570) e José de Anchieta (1534-1597). Vasconcelos já havia publicado uma versão reduzida do primeiro parágrafo desse texto na *Vida do P. Joam d'Almeida* (Lisboa, Oficina Craesbeeckiana, 1658, livro II, cap. VII, p.50-51, § 4-5) e incluiu os dois

"6. Modo que guardam os padres na doutrina dos índios, nas aldeias em que residem. *Deste tempo* [1556] *em diante, se começaram a meter nas aldeias* [da Bahia] *escolas de meninos, de ler, escrever, cantar e doutrina cristã, com a mesma perfeição dos que estavam no seminário, de cujo aproveitamento já dissemos. O modo de ensinar que nelas se usava e ainda hoje persevera nas aldeias do Brasil (com pouca variedade em algumas delas), é o seguinte: rompendo a manhã, em se ouvindo pela aldeia o sino que tange à missa, todos os meninos dela se vão ajuntar na capela mor da igreja, aonde postos de joelhos, em coros iguais, entoam em voz alta louvores de Jesus e da Virgem, dizendo os de um coro:* "Bendito e louvado seja o santíssimo nome de Jesus"; *e respondendo os do outro:* "E o da bem-aventurada Virgem Maria mãe sua para sempre. Amen"; *e, logo, todos juntos:* "Gloria Patri, et Filio, et Spiritui sancto. Amen"; *e nisto continuam, até chegar a missa; chegada esta, a ouvem em silêncio; e acabada ela (idos os mais índios) esperam eles no mesmo lugar o religioso que tem cuidado deles, o qual lhes ensina as orações da doutrina cristã em voz alta e, após esta, da mesma maneira, os mistérios de nossa santa fé, em* Diálogos de perguntas e respostas, *compostos para este efeito em língua do Brasil, da* Santíssima Trindade, Criação do Mundo, Primeiro Homem, Encarnação, Morte e Paixão, Ressurreição, *e mais* Mistérios do Filho de Deus, *do* Juízo Universal, Limbo, Purgatório, Inferno, Igreja Católica, *etc.; e ficam tão destros, que podem ensinar e ensinam, com efeito, em suas casas aos pais, que são mais rudes ordinariamente (suposto que também estes e as mães têm sua particular doutrina todos os dias santos e domingos na mesma igreja, com práticas acomodadas sobre ela); acabada a doutrina, tornam a dizer os meninos a coros:* "Louvado seja o santíssimo nome de Jesus"; *respondem os outros:* "E o da santíssima Virgem Maria mãe sua para sempre. Amen"; *e logo esperam que os mandem, e vão todos juntos a suas escolas, a ler, escrever, ou cantar; outros a instrumentos tão destros, que ajudam a beneficiar as missas e procissões de suas igrejas, com a mesma perfeição que os portugueses (a cuja vista, achando-se presente um bispo, não pode ter as lagrimas, considerando a capacidade que nunca imaginara em tais sujeitos); nestas escolas, gastam duas horas da manhã e outras duas horas da tarde, tornando-se-lhes a tanger o sino, a que pontualmente acodem.*

"7. Modo como encomendam as almas do Purgatório os meninos das aldeias. *Tangendo as* Ave Marias *da noite, tornam-se* [a] *ajuntar à porta da igreja e daqui formam procissão com cruz levantada diante e,*

---

primeiros parágrafos, com algumas alterações, na *Vida do Veneravel Padre Ioseph de Anchieta da Companhia de Iesv* (Lisboa, Ioam da Costa, 1672, livro III, cap. VI, p.162-164, § 3, 4 e 6). Versões mais reduzidas dessas cartas já haviam sido publicadas por Sebastiano Berettari na *Vida del Padre Ioseph de Ancheta de la Compania de Iesvs, y Provincial del Brasil. Tradvzida de Latin en Castellano por el Padre Esteuan de Patermina* (Salamanca, Emprenta de Antonia Ramirez viuda, 1618, livro III, cap II, p. 157). Para melhor compreensão, atualizamos a ortografia e pontuação do texto de Vasconcelos (versão de 1663), destacamos os títulos e acrescentamos algumas informações entre colchetes. As informações que aparecem no início dos parágrafos, entre parêntesis, na publicação original aparecia como nota à margem. Na "Svmma" do livro II da "Chronica", a informação que precede a seção da qual transcrevemos esses parágrafos é "*Continuam os trabalhos do Padre Manuel da Nóbrega, e seus companheiros, já em mais número, com grande fruto na cultura das almas, desde o ano de 1555, até o de 1562*". (N. do T.).

postos em ordem, vão cantando pelas ruas, em alta voz, cantigas santas *em sua língua, até chegarem a uma cruz destinada, a cujo pé, postos de joelhos, encomendam as almas do purgatório na forma seguinte, em sua língua própria:* "Fiéis cristãos, amigos de Jesus Cristo, lembrai-vos das almas, que estão penando no fogo do purgatório: ajudai-as com um Padre Nosso, e Ave Maria, para que Deus as tire das penas que padecem"; *e respondem todos:* "Amen"; *rezam em alta voz o* Padre Nosso *e* Ave Maria *e voltam com a mesma procissão e canto até a portaria dos padres onde, por fim, entoam e respondem como acima:* "Bendito e louvado seja o santíssimo nome de Jesus", *etc.; esperam que os mandem e, mandados, se vão a suas casas.*

"8. Ocupação que os Padres têm com os índios. *Este é o exercício dos meninos. O dos Padres é o que se segue: batizam os inocentes, catequizam os adultos, administram-lhes o sacramento de matrimônio na lei da graça e o da eucaristia aos que são capazes, ensinam-lhes a boa inteligência, observância e perfeição de todas estas cousas; defendem sua liberdade, curam suas doenças, preparam-nos para bem morrer, sepultam em suas igrejas os que morrem, com a solenidade de enterro dos mais pontuais portugueses, com tumba, procissão, cruzes, velas acesas, confrarias; e sobre tudo discorrem e penetram os sertões, pregando-lhes o caminho do Céu, trazendo-os e introduzindo-os na Santa Igreja.*

"9. *É bem que digamos também o que os índios fazem. É esta gente tanto mais fácil em aceitar a fé do verdadeiro Deus, quanto menos empenhada estão com os falsos, porque nenhum conhece, ou ama, que possa roubar-lhe a afeição. Seus ídolos são os ritos avessos de sua gentilidade, multidão de mulheres, vinhos, ódios, agouros, feitiçarias e gula de carne humana. Vencidos estes, nenhuma repugnância lhes fica para cousas da fé. E porque é tão admirável a majestade e consonância das obras do verdadeiro Deus, que elas mesmas estão pregando ao entendimento mais rude (quando a afeição não está impedida) que são dignas de toda a crença. Assim que, vencidas as dificuldades dos ritos, é muito para louvar a Deus ver nesta gente o cuidado com que os já cristãos acodem a celebrar as festas e ofícios divinos. São afeiçoadíssimos à musica e os que são escolhidos para cantores da igreja, prezam-se muito do oficio e gastam os dias e as noites em aprender e ensinar outros. Saem destros em todos os instrumentos músicos: charamelas, flautas, trombetas, baixões, cornetas e fagotes. Com eles beneficiam, em canto de órgão* [ou seja, contraponto] , *vésperas, completas, missas, procissões, tão solenes como entre os portugueses.*

"10. Prezam-se da perfeição do culto divino. [...] *Os sábados á tarde acodem* [os meninos indígenas] *à igreja e cantam devotamente a* Salve da Virgem Senhora Nossa *em canto de órgão, com seus círios nas mãos; e todas as segundas feiras pela manhã os responsórios dos defuntos, encomendando, com o sacerdote, suas almas a Deus ao fim da missa.* [...]"

Bibliografia Citada

CURT LANGE, Francisco. *El extrañamiento de la Compañía de Jesús del Río de la Plata (1767)*. *Revista Musical Chilena*, Santiago, n.165, 1986, p.4-58.

CLARO, Samuel. *La Música en las Misiones Jesuitas de Moxos*. *Revista Musical Chilena*, Santiago, n.108, 1969, p.7- 31.

HARTER, Joseph. *Los Jesuitas en Chiloé 1610-1767*. Puerto Montt, Suplemento Revista San Javier, s/d. 28p.

HUSEBY, Gerardo, RUIZ Irma y WAISMAN, Leonardo. *Un Panorama de la Música en Chiquitos*. In: *Las Misiones Jesuíticas de Chiquitos*. La Paz, Pedro Querajazu Ed. y Comp., Fundación BHN, La Papelera S.A., 1995. p.659-705.

ILLARI, Bernardo *Chiquitos: una pequeña historia de las actividades musicales europeas en la región*. Cordoba, 1993. Inédito.

MATEO, F. *Los dos Concilios Limenses de Jerónimo de Loaysa*. Madrid, Ediciones Jura, 1947. 50p.

________. *Segundo Concilio Provincial Limense*. Madrid, Ediciones Jura , 1950. 185p.

________. *Constituciones para Indios del Primer Concilio Limense (1552)*. Madrid, Ediciones Jura,1950. 54p.

MEDINA, José Toribio. *Oré (Fr. Luis Jerónimo de)*. In: *Biblioteca Hispanochilena (1523-1827)*. Santiago de Chile, Imprenta Elzeviriana, 1897. Edición Facsimilar : Fondo Histórico y Bibliográfico José Toribio Medina, Santiago de Chile, 1963, Tomo I (1523-1699), p.83-90.

________. *La Imprenta en Lima (1584-1824)*. Santiago, Impreso y grabado en casa del Autor, 1904. Tomo I (1584-1650), p.49-53.

NAWROT, Piotr. *Música de vísperas en las reducciones de Chiquitos - Bolivia (1691-1767)*: Obras de Domenico Zipoli y maestros jesuitas e indígenas anónimos. Concepción (Bolívia), Archivo Musical Chiquitos [Secretaría Nacional de Cultura - Compañia de Jesús - Misioneros del Verbo Divino], 1994. 4v.

ORÉ, Hieronimo de. *Symbolo Catholico Indiano, en el qval se declaran los mysterios dela Fè contenidos en los tres Symbolos Catholicos, Apostolico, Niceno, y de S. Athanasio*. [...] Lima, Antonio Ricardo, 1598. 183f.

STEVENSON, Robert. *Music in Aztec & Inca territory*. Berkeley, University of California Press, 1970. 378p.

SZARÁN, Luis & NESTOSA, Jesús Ruiz. *Musica en las reducciones jesuiticas*: colección de instrumentos de Chiquitos, Bolivia. Asunción, Fundación Paracuaria - Missionsprokur S.J. Nürnberg, 1996. 72p.

TINEO, Primitivo. *Los Concilios Limenses en la Evangelización Latinoamericana*. Pamplona, Ediciones Universidad de Navarra S.A., 1990. 561p.

VARGAS UGARTE, Rubén. *Concilios Limenses*. Lima, Tipografía Peruana, 1951.

- *ABSTRACT: This article studies and outlines the book* Símbolo Católico Indiano *(Indian Catholic Symbol) by Luis Gerónimo de Oré, printed in Lima (Peru), in 1598. The doctrination methods (catechism), the educational practices and the music institutions are described here, in order to become aquainted with the relationship between Oré's work and the Jesuit musical activities in the regions of the Southern Andes and Chile. The article is divided into two parts: a revision of the contextual aspect of the book, with special attention to the historical moment of the Catholic Church in the region during the second half of the 16^th^ Century; the description and interpretation of subjects which refer to the practices os musical doctrine. The article includes, however, some aspects which deal with the geographic and human environment, and analyses the objectives of Oré's book his work itself.*

- *KEYWORDS: Missionary Music; Jesuit Music; Franciscan Music; south American Colonial Music; Latin-American Music; XVI and XVII Centuries.*